

A PARÁBOLA DO FILHO PERDIDO

“MAS ERA JUSTO ALEGRARMO-NOS E FOLGARMOS, PORQUE ESTE TEU IRMÃO ESTAVA MORTO, E REVIVEU; E TINHA-SE PERDIDO, E ACHOU-SE.”

(Lucas 15:32)

Ampliando a leitura - Lucas 15.1-2

Geralmente, lemos o texto da parábola do filho pródigo com os olhos voltados para o filho que se perdeu. E, claro, provavelmente é o fato que mais chama a atenção e só por esse ângulo já podemos aprender muito. Mas o desafio desse estudo é ampliar esse olhar para todos os envolvidos na história, principalmente na forma como o Pai tratou os dois filhos. No início do capítulo podemos perceber que Jesus está falando para dois grupos: “publicanos e pecadores” e “fariseus e escribas”. Um grupo se sentia longe do Pai e o outro pensava ter o monopólio da vida espiritual. A parábola fala a ambos.

O filho mais novo - Lucas 15.11-13; 18-24

Quando o filho mais novo pede para que a herança dele seja dada, a resposta do pai é surpreendente para a época. Imaginem uma sociedade onde tudo o que o pai falasse era lei...Naquela época se um filho pedisse isso seria expulso de casa, mas não é o que acontece aqui. Ainda mais surpreendente é que o termo utilizado para propriedade significa “vida”, porque naquela época a vida das pessoas estava ligada à terra. Outra verdade ainda mais chocante é que quando o filho mais novo pede a sua herança equivale a dizer que estava desejando a morte do pai. Mesmo assim, o pai, gracioso, recebe o seu filho de braços abertos. O que você faria no lugar do pai?

O filho mais velho - Lucas 15.25-30

O filho mais velho ao ouvir que o seu pai preparou um banquete para o filho mais novo, não concorda e fala a ele desrespeitosamente. O seu argumento demonstra o quanto é contrário à sua atitude graciosa e age como se merecesse todos os bens do seu progenitor. De fato, ele também demonstra o mesmo interesse na herança e não no amor do pai. Mas é surpreendido ao ser convidado a participar da festa e do banquete da graça. A parábola termina por aí. Será que Jesus se revelou aqui um péssimo contador de história? Se estivéssemos assistindo a um filme ou uma novela que terminasse desse jeito certamente ficaríamos desapontados. Mas o que acontece aqui é que o final será escrito por seus ouvintes. O que os pecadores, publicanos e fariseus fariam a partir de então?

O Deus gracioso - Lucas 15.31-32

O que precisamos? Precisamos que Deus nos aproxime de nós, como fez com os dois filhos, cada um a seu modo. Precisamos entender que o arrependimento é muito mais do que pegar a nossa lista de pecados e pedir perdão um por um, mas é identificar o cerne das nossas falhas, deixar Deus ir até o mais profundo do nosso coração e retirar de lá o que realmente está gerando aqueles frutos amargos, que não se referem somente aos pecados imorais que cometemos, mas também às boas ações que fazemos com motivações egoístas. O perdão sempre tem um custo para o perdoador. Jesus foi o nosso irmão que nos buscou onde estávamos perdidos e sofreu a humilhação que o irmão mais velho da parábola não estava disposto a suportar. Você se sente parte da família de Deus? Você entende que Cristo se humilhou por você?

Dare, pense e saboreie o Banquete do Pai

Os filhos tinham o coração mais parecido do que imaginamos. Ambos desejavam a mesma coisa do pai, mas optaram por consegui-las de forma diferente. Mesmo assim ele oferece um banquete, que representa os vários aspectos que a salvação tem: é experimental (pode ser vivenciada), é material (seu poder atuará e redimirá o corpo), é individual (não se transmite) e comunal (a alegria da salvação é desfrutada com outras pessoas). O pai age com todo o seu amor e graça se um filho retorna demonstrando o seu arrependimento e oferece o banquete até mesmo ao mais velho, religioso e falso, na esperança dele experimentar alegria e prazer no seu caráter. Podemos dizer, sem medo de errar, que o “pródigo” e “inconsequente” nessa história é o pai, que dá deliberadamente, como Deus, que entregou o seu único Filho e nos oferece vida abundante (João 10.10).

